



Universidade de Brasília

Faculdade UnB Planaltina – FUP

Curso de Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC

**REZAS E BENZIMENTOS NA VISÃO DE JOVENS DA COMUNIDADE
KALUNGA DO ENGENHO II**

LUANA DOS SANTOS ROSA

PLANALTINA-DF

2016

LUANA DOS SANTOS ROSA

REZAS E BENZIMENTOS NA VISÃO DE JOVENS DA COMUNIDADE
KALUNGA DO ENGENHO II

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao curso de Licenciatura em
Educação do Campo (LEdoC) como
requisito parcial para a obtenção do título
de Licenciada.

Orientador: Prof. Dr. Jair Reck

Co-orientadora: Prof^a. MS. Juliana
Rochet.

PLANALTINA

2016

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Jair Reck - UnB
(Orientador)

Prof. Dr. Manoel Pereira de Andrade - UnB
(Examinador Interno)

Profa. Dr. Severina Alves de Almeida - UnB
(Examinador Interno)

Dedico este trabalho aos meus familiares,
à minha amada comunidade do Engenho
II e à Escola Municipal Joselina Francisco
Maia, onde sou educadora.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela sua misericórdia constante em todos os momentos deste curso.

Em segundo lugar, agradeço aos meus familiares, à minha mãe Joany, ao meu esposo Jeová, ao meu pai João, à minha cunhada Maria, a minha irmã Rosilene, e a minha sogra Elita.

Agradeço aos meus colegas de curso, de forma especial à Diranice, à Maria Nilza, à Lerecy, à Maria Aparecida e à Eriene, que tanto me ajudaram com a minha pequena filha Lunnara.

Agradeço aos meus professores do curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC), e reforço aqui o meu agradecimento à professora Juliana Rochet, por sua intervenção e orientação até quando possível neste trabalho. E especialmente ao meu orientador atual, o professor Jair Reck, o qual contribuiu de forma vasta para que este estudo fosse concluído. Enfim, agradeço a todos os colegas, professores, familiares, e amigos que me acolheram e me motivaram a continuar sempre.

Entre as folhas de um livro-de-reza um
amor-perfeito cai.

Guimarães Rosa.

RESUMO

O estudo trata sobre o tema rezas e benzimentos na visão de jovens da comunidade Kalunga do Engenho II. Este trabalho objetiva compreender qual é a visão dos jovens sobre as práticas sociais e culturais das rezas e benzimentos. Por isso, o estudo utiliza como fundamentação teórica autores como: Mortatti (2004), Soares (2004), Brasil (2007), Furtado, Pedroza, e Alves (2014), Chauí (2000), Manzini (2014), Rosa (2013) e Sá e Freitas (2014), dentre outros que abordam sobre aspectos relacionados à cultura, aos letramentos e à religiosidade quilombola. O trabalho consiste na realização de uma pesquisa qualitativa com jovens e rezadeiras do Engenho II, sendo esta alicerçada pela observação participante e pela entrevista semi-estruturada, em que é possível dialogar sobre as perspectivas dessa tradição no contexto do quilombo Kalunga.

Palavras – Chave: Rezas e Benzimentos; Múltiplos Letramentos; Juventude e Cultura; Educação do Campo.

ABSTRACT

The study comes on the topic prayers and benzimentos in young people's view of Kalunga community of Engenho II. This study aims to understand what the vision of young people on the social and cultural practices of prayer and benzimentos. Therefore, the study uses as theoretical foundation authors as Mortatti (2004), Smith (2004), Brazil (2007), Furtado, Pedroza, and Alves (2014), Chau (2000), Manzini (2014), Rose (2013) and Sa and Freitas (2014), among others dealing on issues related to culture, literacies and maroon religiosity. The work consists of making a qualitative research with young people and mourners Engenho II, which is underpinned by participant observation and semi-structured interview, where you can talk about the prospects of this tradition in the context of the Kalunga quilombo.

Keywords: Prayers. Benzimentos. Literacies. Culture. Young.

I. LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa da comunidade.....14

Figura 2 – Mapa da comunidade.....14

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – CULTURA, RELIGIOSIDADE, EDUCAÇÃO E OS JOVENS DO TERRITÓRIO KALUNGA	14
1.1 CARACTERIZAÇÃO DO TERRITÓRIO	14
1.2 CULTURA E IDENTIDADE QUILOMBOLA	16
1.3 RELIGIOSIDADE NO TERRITÓRIO KALUNGA: REZAS E BENZIMENTOS	17
1.4 REZAS E BENZIMENTOS COMO FORMAS DE LETRAMENTO	19
1.5 QUEM É O JOVEM KALUNGA?	20
1.6 ASPECTOS DA MEMÓRIA SOCIAL DA JUVENTUDE QUILOMBOLA	22
1.7 ASPECTOS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO	23
CAPÍTULO 2 - DESCRIÇÃO DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	29
CAPÍTULO 3 - PERCEPÇÕES DA COMUNIDADE SOBRE REZAS E BENZIMENTOS	30
3.1 REZAS E BENZIMENTOS NA COMUNIDADE KALUNGA ENGENHO II: O QUE DIZEM OS JOVENS?	30
3.1.1 O significado das rezas e benzimentos para os jovens	30
3.2 REZAS E BENZIMENTOS NA COMUNIDADE KALUNGA ENGENHO II: O QUE DIZEM AS REZADEIRAS?	34
3.2.1 O significado das rezas e benzimentos para as rezadeiras do Engenho II	34
3.3 A ESCOLA E A VALORIZAÇÃO DA CULTURA LOCAL	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	40
APÊNDICES	43

INTRODUÇÃO

A comunidade Kalunga Engenho II está situada no nordeste goiano e localiza-se entre morros e montanhas há 27 km de Cavalcante-GO. A mesma faz parte do parque nacional da Chapada dos Veadeiros e de uma área de proteção ambiental nesta micro-região do Estado de Goiás, no Brasil.

A comunidade tem aproximadamente 150 famílias. A maioria dos moradores é descendente de negros africanos. Mas há também pessoas de outras regiões, que chegaram ali em razão de terem se casado com alguma pessoa da comunidade.

No que diz respeito à religiosidade e cultura, há duas igrejas, uma Católica e a outra Evangélica, e um barracão comunitário onde acontecem as festas e as reuniões.

Seguindo a tradição católica, a comunidade efetua rezas e festas anualmente, que são importantes elementos de religiosidade local. Para a realização desses eventos há uma forma de organização coletiva. Nas rezas, são utilizadas imagens de santos, bandeiras, altar e velas; são cantadas as ladainhas, benditos e bendito de mesa. O local escolhido para as rezas é, para os moradores, um lugar sagrado, onde se professa a fé. Os benzimentos ainda são muito utilizados na comunidade. São exemplos comuns: benzer as crianças quando estão com quebranto, levantar espinhela (quando é adulto fala-se levantar a espinhela, quando é criança fala-se vento virado).

A rica tradição das rezas e benzimentos, embora muito presente na vida das pessoas idosas da comunidade vai, gradualmente, sendo percebida de forma diferente pelos jovens kalunga, que estabelecem uma nova relação, muitas vezes de aparente distanciamento, com os saberes e práticas ligados à religiosidade tradicional.

Diante desse contexto, essa pesquisa tem como objetivo geral compreender, a partir da realização de observação participante e entrevistas semi-estruturadas, a visão dos jovens e rezadeiras da Comunidade Kalunga Engenho II acerca da religiosidade local, com ênfase nas rezas e benzimentos.

Os objetivos específicos deste trabalho são: conhecer a história das rezas e benzimentos na comunidade Kalunga Engenho II através de entrevista com rezadeiras locais. Identificar os principais jovens praticantes dessas tradições na comunidade. Verificar as motivações que levam esses jovens a identificar-se ou não

com a tradição das rezas e benzimentos. Observar a relação das rezas e benzimentos com os múltiplos letramentos. Analisar o papel da escola local na valorização destas tradições locais.

As práticas das rezadeiras da minha família vêm desde os nossos antepassados, descendentes de negros escravizados que fugiram para o quilombo, sendo esse aspecto uma das justificativas da escolha temática. Minha bisavó Joana, passou todos os conhecimentos e ensinamentos para minha avó Messias que, por sua vez, passou todos os seus saberes para minha mãe Joany que, a partir desses saberes, a se ver sozinha na roça onde cultivava e sentia que já era chegada a hora do parto, viu a necessidade de colocar seus conhecimentos em prática fazendo seu próprio parto e praticando as rezas.

Para as rezadeiras da comunidade Kalunga, o ato de benzer não é apenas uma sabedoria individual, pois o benzimento é um ritual de fé e coragem, no qual somente pessoas escolhidas podem praticá-lo.

Minha experiência com as rezas surgiu quando acompanhava minha mãe para rezar nas casas das pessoas. Foi a partir daí que me interessei pelo tema, assim, passei a entender as rezas e até hoje me sinto honrada pelo privilégio de ter acolhido esse saber cultural que muitos têm a oportunidade de conhecer, mas não colocam em prática.

Atualmente, muitos jovens da comunidade vêm se distanciando dos conhecimentos e práticas tradicionais das rezas e benzimentos. Entendo que há necessidade de registrar e valorizar essa cultura na comunidade Kalunga do Engenho II, pois, com o passar do tempo, as pessoas mais idosas, detentoras de maior proximidade com tais práticas estão morrendo; e parte da comunidade remanescente não está dando continuidade a essa tradição.

Acredito que, por meio desse estudo, será possível compreender os fatores que atuam para o enfraquecimento desta cultura entre os jovens, bem como construir propostas de ações educativas que permitam que eles conheçam a história e memória dessa rica tradição na comunidade Engenho II.

Nesse sentido, foram bastante motivadores os estudos relacionados com cultura, história e memória realizados durante o curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC), onde educadores como a Professora Regina Coelly, nos ajudaram a perceber o grande valor dos resquícios do passado no processo de

resgate e valorização dos saberes locais que fazem parte da nossa raiz quilombola, desde os nossos antepassados.

A partir dessa realidade, elaborei as seguintes questões de pesquisa, que pretendo responder ao longo deste trabalho:

- Qual a visão dos jovens sobre a tradição das rezas e benzimentos na comunidade Kalunga Engenho II?
- Por que os jovens ficam tão dispersos quando ocorrem as rezas?
- Quais fatores vêm causando o enfraquecimento dessa cultura entre os jovens?
- As rezas representam uma forma de letramento social?
- Que ações educativas podem ser planejadas para a valorização das rezas locais?

Este trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro capítulo aborda sobre a fundamentação teórica relativa ao tema das rezas e benzimentos, e sobre a cultura, identidade, e religiosidade manifesta na comunidade Kalunga Engenho II. O segundo capítulo fala sobre a metodologia empregada neste estudo, no que toca ao tipo de pesquisa, que no caso deste trabalho é a pesquisa qualitativa no que tange à abordagem, e pesquisa de campo no que toca aos procedimentos, seguindo autores como Gerhardt e Silveira (2009). O terceiro capítulo trata sobre os resultados e discussão da pesquisa realizada com quatro jovens e três rezadeiras do Engenho II.

O trabalho apresentado dialoga com autores como: Valladares (2007) a qual discorre sobre a pesquisa qualitativa e observação participante, Sá e Freitas (2009) que trazem uma reflexão sobre a diversidade cultural do território Kalunga, bem como de seu contexto histórico-social. Rosa (2013) que discorre sobre as rezas e benzimentos como manifestações de religiosidade no território Kalunga. Furtado, Pedroza e Alves (2014) que abordam a respeito do fato de que a cultura quilombola é uma forma de valorizar o povo Kalunga, suas tradições e identidade. Manzini (2014) que trata exclusivamente da entrevista semi-estruturada. Porto, Kaiss e Cofre (2012) que evocam sobre a questão quilombola perante a Constituição Federal brasileira de 1988. Neves (1996) que ressalta sobre o método qualitativo da pesquisa. Chauí (2000) a qual expressa suas convicções em relação à cultura enquanto criação coletiva de valores na sociedade. Caldart (2012) que considera a

Educação do Campo como marca de conquistas sociais, que devem servir para a inclusão social dos povos rurais. Ribeiro (2012) que salienta sobre a exclusão do camponês através de um ensino que segue parâmetros da educação rural. Molina (2010) a qual critica a educação rural elitista que nega o sujeito do campo e Molina (2012) que destaca a necessidade de dar continuidade nas lutas sociais na busca por um ensino que dê cada vez mais ênfase aos saberes do campo, sendo esta uma forma de incluir as comunidades rurais no processo educativo.

CAPÍTULO 1 - CULTURA, RELIGIOSIDADE, EDUCAÇÃO E OS JOVENS DO TERRITÓRIO KALUNGA

1.1 CARACTERIZAÇÃO DO TERRITÓRIO O CONTEXTO DA PESQUISA

A comunidade Kalunga Engenho II possui grande diversidade de plantas nativas do cerrado e apresenta clima tropical, com temperatura variando entre 18°C a 34°C. É rica em nascentes naturais, com belas cachoeiras, tais como: Capivara, Santa Barbara e Kandarú, entre outras que ainda não foram divulgadas. Além disso, a comunidade é privilegiada com abundância de água, pois além das cachoeiras citadas ainda há alguns rios como: Capivara, Comundanga e o Tiririca. Esses rios são preservados pelos moradores da comunidade, pois muitos deles usam dessa água para cozinhar, beber e tomar banho. Existem também muitos frutos do cerrado: caju, pequi, buriti, mangaba, jatobá, cagaita e outros. Muitos desses frutos são utilizados pelos moradores para fazer doces, geléias, sucos, bolos, licor e até para iogurte.

As matas que cercam a comunidade possuem grandes quantidades de animais silvestres, como: anta, capivara, veado, tatu, onça, macaco, quati, ema, raposa, lobo, tamanduá, e etc. Além desses animais, existem também várias espécies de aves nativas do lugar. No entanto, segundo alguns moradores mais idosos da comunidade, muitos desses animais estão em extinção por causa do excesso das queimadas.

A localidade conta com alguns serviços e equipamentos públicos. A escola funciona em três prédios, atendendo um total de 136 alunos (do município e estado): a rede escolar municipal funciona no período matutino e a estadual no período vespertino. O posto de saúde funciona quatro vezes na semana. Atualmente, a casa digital não está funcionando por falta de assistência técnica e funcionário. Há também um CAT, que é o Centro de Atendimento ao Turismo.

Quase todos da comunidade trabalham na roça e plantam de tudo: arroz, feijão, milho, mandioca, banana, batata, abóbora e cana. O lugar das plantações geralmente é nos boqueirões de serra pelo fato do solo ser mais fértil. Além do trabalho braçal nas roças, os moradores também trabalham com artesanato, como:

sofá de buriti, tapetes com fibras de banana, tapetes com seda do broto de buriti, tapetes com corda de jequitibá, crochês etc.

A seguir, é possível visualizar dois mapas da comunidade Kalunga Engenho II, desenhados pelos estudantes da Turma 5 da LEDoC, para a disciplina de Pesquisa e Memória, que buscam representar as casas dos moradores, as paisagens, os rios e as serras existentes no local.

Mapas da comunidade Kalunga Engenho II



Figura 1: Mapa da Comunidade

Fonte: ROSA, 2012.



Figura 2: Mapa da Comunidade

Fonte: ROSA, 2012.

1.2 CULTURA E IDENTIDADE QUILOMBOLA

De acordo com Sá e Freitas (2009), podemos afirmar que dentro do território quilombola há diversas formas de culturas (crenças) que foram mantidas por várias gerações, entre elas as rezas, folias e benzimentos que fazem parte da construção identitária dos habitantes locais.

O território acrescenta a necessidade de se compreender o modo pelo qual um grupo humano se estabelece social e culturalmente neste espaço, de acordo com as formas coletivas que permitem a reprodução do seu modo de vida e de sua identidade cultural. Esses movimentos históricos que compõem a territorialidade de um grupo social podem ser vistos em diferentes dimensões (SÁ; FREITAS, 2009, p. 10).

Entende-se que é relevante a busca por compreender os aspectos inerentes ao grupo social que habita em dado contexto social, ao mesmo tempo, percebe-se que cada contexto histórico agrega lutas e movimentos em torno de afirmar sua identidade cultural. Segundo Chauí:

A cultura é a criação coletiva de ideias, símbolos e valores pelos quais uma sociedade define para si mesma o bom e o mau, o belo e o feio, o justo e o injusto, o verdadeiro e o falso, o puro e o impuro, o possível e o impossível, o inevitável e o casual, o sagrado e o profano, o espaço e o tempo. A Cultura se realiza porque os humanos são capazes de linguagem, trabalho e relação com o tempo. A Cultura se manifesta como vida social, como criação das obras de pensamento e de arte, como vida religiosa e vida política (CHAUÍ, 2000, p. 61).

Segundo Furtado, Pedroza e Alves (2014), a cultura quilombola deve ser vista de modo a valorizar os traços próprios deste grupo, o que se vincula a subjetividade humana e a capacidade de consolidar a identidade desse povo tradicional. A cultura é uma forma de fortalecer o posicionamento e a identidade dos sujeitos quilombolas na história e na trajetória do País como um todo.

Para os autores Porto, Kaiss e Cofré (2012), observa-se que o enfoque principal se dá em discutir as garantias previstas em lei para o favorecimento de povos tradicionais quilombolas ao longo dos últimos anos e especialmente a partir da aprovação da constituição Federal de 1988, a qual resguarda uma atenção especial e diferenciada daquela defendida séculos atrás em relação ao negro nas terras nacionais.

Para tanto, os autores utilizam como fundamento para a discussão o caso dos quilombolas residentes na comunidade de Água Morna, no município de Curiúva/PR.

A princípio, Porto, Kaiss e Cofré fortalecem a percepção de que a CF/88 viabilizou ao negro a possibilidade de ter o acesso aos direitos de natureza territorial e também a políticas públicas que fundamentassem a igualdade e a dignidade humana. Os autores falam ainda do quanto à comunidade de Água Morna (PR) possui resquícios do catolicismo em sua formação identitária, de modo que ao longo dos anos a história quilombola local resguarda a cultura e o tradicionalismo deixados pelos ancestrais negros.

Para Hall (2010) *apud* Moreira (2011), o fator identitário está sempre ligado à questão da diferença, de forma que, a construção das identidades ocorre especialmente a partir do processo de comparação entre as diferenças nestas presentes.

Conforme Woodward (2000) *apud* Moreira (2011) a diferença presente em cada identidade está relacionada à subjetividade que cada grupo social possui, de maneira que isso deve ser valorizado e respeitado como manifestação de diversidade e heterogeneidade que enriquece em muito a cadeia de conhecimento dos diversos grupos sociais e que ajudam a fortalecer a história e memória humana no mundo.

No que se remete à identidade, Almeida (2015), salienta que este termo acaba por se materializar na vida social, especialmente através da língua, que está fortemente relacionada às características de um povo. E de certo modo, a linguagem quilombola acaba por ser uma das grandes evidências da identidade étnica local.

Ao estudar a comunidade indígena, Almeida (2015) ajuda também a observar o contexto de singularidade identitária na qual encontram-se inseridos não só os índios, mas também os quilombolas Kalunga, visto que os mesmos são parte de um grupo étnico que manifesta em sua cultura e tradição uma diversidade bastante característica, ou seja, que pertence unicamente a eles (MOREIRA, 2011).

1.3 RELIGIOSIDADE NO TERRITÓRIO KALUNGA: REZAS E BENZIMENTOS

Segundo Rosa (2013), a tradição das rezas e benzimentos praticada no território kalunga termina em ser uma manifestação de religiosidade por parte deste povo.

Em Rosa (2013) existe menção da prática religiosa das rezas na comunidade kalunga Engenho II, mas o alvo de seu trabalho é debater sobre essa temática no Vão de Almas, sendo que os seus argumentos ajudam a relacionar o que acontece numa localidade com a outra.

Conforme esta autora, o que tem sido percebido é a presença de certa desmotivação por parte da juventude kalunga em relação às rezas e benzimentos que eram elementos que marcavam as práticas fundamentais do local e representavam o fortalecimento da cultura e da identidade quilombola.

Ainda através dessa autora, observa-se que muitas rezadeiras da comunidade kalunga podem até demonstrar disposição para repassar o conhecimento e ensinar as novas gerações a fim de que o costume não seja perdido, porém, existe o medo de que os jovens não consigam dar continuidade a essa tradição tão relevante para a memória e história deste povo.

Na análise de Rosa (2013), muitos jovens encontram-se distantes dos saberes culturais, por falta dos ensinamentos dos pais e do fortalecimento desses conhecimentos na escola, pois cada vez outras culturas têm tomado o espaço das construções culturais antigas do povo kalunga.

A religiosidade dos povos do quilombo manifestos através de rezas, benzimentos, parto natural, remédios tradicionais, plantas, garrafadas, etc., representa uma transmissão de conhecimento repassado de forma oral à sociedade (BRASIL, 2007).

Em diálogo com Moreira (2013), pode-se evidenciar que os conhecimentos locais do povo quilombola, bem como as manifestações de religiosidade ajudam na promoção da transmissão de saberes.

Ainda conforme Moreira (2013) verifica-se o relato pertinente ao caso de uma mulher que morou na comunidade Engenho II, e apesar de ter mudado para uma cidade dos Estados Unidos, sentia saudade de tudo quanto aprendeu no meio do povo kalunga, inclusive das danças, das festas, das rezas e dos ensinamentos obtido junto às pessoas mais velhas.

Conforme Rosa (2013, p.45), os benzimentos compreendem “uma linguagem oral e gestual com a qual as pessoas detentoras de saberes e de poderes especiais expulsam as forças que perturbam a vida harmoniosa do ser humano”, quanto às rezas estas representam um “conjunto de orações, e benditos rezados nas peregrinações religiosas” (p.46).

Rezas de Benzimentos

Peço ao divino Espírito Santo
 E a Virgem Maria
 E Jesus Cristo
 Que tem o poder de tirar
 Todos os males que estão te prejudicando
 Seja quebranto, inveja, mau-olhado
 Calúnia, solidão na alma, melancolia
 Angústia, macumba,
 Em fim todos os males material, espiritual e estrutural
 Laia, ladia, Lama, Sanbana,
 Permita que por meio desta palavra
 Se extinga o veneno deste bicho mau e peçonhento
 Do corpo desta criatura (ou animal) que é
 Linho, Lami, Isaão, Filamim, Santana
 Ave-Maria!”
 Azia, azia, não é azia
 Não roi até o osso,
 Porque eu mando
 Que caia no posso.
 São Sava
 São Salvador
 Me há salvar
 E com estas palavras
 A dor de cabeça
 Há de passar. (ROSA, 2013, p.42)

Como se vê na descrição acima pode acontecer de a reza e o benzimento se manifestar em conjunto, sendo estes dois elementos aplicados na religiosidade e crença da comunidade kalunga Engenho II.

1.4 REZAS E BENZIMENTOS COMO FORMAS DE LETRAMENTO

Segundo Mortatti (2004), por muito tempo o termo letramento foi percebido como característica própria dos sujeitos letrados, tendo o seu significado bastante voltado para o saber ler e escrever, o que fazia com que essa terminologia estivesse fortemente agregada ou assemelhada com a alfabetização.

Conforme essa autora, os termos alfabetizar, alfabetização, analfabetismo, iletrado e letrado tinham um papel delimitador, de forma que estes passaram a dividir o nível de demonstração de conhecimento dos indivíduos a partir desses termos.

No pensar de Mortatti, novas formas de significação para o termo letramento têm surgido no processo de ensino nacional, de maneira que, esse passa a compreender não só a escrita e a leitura, mas as diversas formas e capacidades

que os sujeitos têm de empregar os diferentes materiais escritos em seu contexto social.

Conforme Soares (2004), a cultura é uma forma de manifestar o letramento, e nesse sentido, as rezas, os benzimentos, as danças, os festejos e entre outros elementos vivenciados por uma comunidade podem ser vistos como parte deste termo.

Para Charaudeau (2004) *apud* Mortari (2004, p. 47):

Termo “Letramento” – recentemente difundido, esse termo é de uso ainda restrito. Dele podem-se distinguir três sentidos principais:

Em primeiro lugar, remete a um conjunto de saberes elementares, em parte mensuráveis: saber ler, escrever, contar. [...]

Em segundo lugar, o termo designa os usos sociais da escrita: Trata-se de aprender a ler, a escrever, e a questionar os materiais escritos. A terceira parte é essencial para a obtenção do êxito [...]. Parece legítimo, portanto, conceber vários tipos de letramento: um letramento familiar [...], um letramento religioso ou, ainda, um letramento digital.

Enfim, em um terceiro sentido, o letramento é concebido como uma cultura que se opõe a cultura da orality. [...] O termo remete a uma noção ampla de cultura escrita, a um universo de práticas e de representações característico de sociedades que utilizam a escrita. Estudar o letramento inclui analisar os usos da escrita, a divisão social dos saberes, os valores particulares veiculados pelo mundo letrado.

Em se tratando das manifestações das rezas e benzimentos na comunidade Kalunga Engenho II, observa-se que, essas duas formas de práticas sociais fazem parte do letramento local, uma vez que estes apesar de serem expressos de forma oral são resultados de construções escritas que foram sendo reproduzidas culturalmente pelos moradores locais (SOARES, 2004).

1.5 QUEM É O JOVEM KALUNGA?

Conforme destaca Cupertino (2012), o jovem rural que vive em terras quilombolas é definido como remanescente de quilombo, sendo importante o trabalho de discussão e análise da identidade cultural que o constitui como sujeito na sociedade.

Observa-se que essa autora através de estudo objetiva debater sobre as concepções de juventude quilombola e as formas de manifestação e afirmação desta na sociedade.

Na percepção de Cupertino (2012), a identidade na luta política dos movimentos sociais é constituída pelo ato de celebrar a singularidade do grupo ou

pela ação de apelar para a história que os integrantes possuem, podendo ser estes atos formas de marcar o espaço e de representar e fortalecer a presença social.

A juventude quilombola na visão de Cupertino (2012) precisa lutar para reafirmar a sua identidade na sociedade, fazendo-se jus a manifestação cultural e o conhecimento daquilo que as gerações anteriores viveram e criaram para a sobrevivência em suas realidades.

Para Cupertino (2012), a identidade é uma construção social, assim esta tem estreita relação com os sujeitos da comunidade, com suas histórias, saberes, tradições e culturas, sendo importante considerar esses elementos na construção identitária dos jovens quilombolas. Nesse sentido:

Definir o conceito de juventude diante da sua plasticidade e da multiplicidade de campos semânticos torna-se tarefa difícil, sua diversidade impõe limites conceituais que devem ser cautelosamente analisados para não incorrer no risco de homogeneizá-la, fazendo um amálgama, considerando que ser jovem tem a mesma conotação em variados contextos culturais ou históricos. (CUPERTINO, 2012, p.50)

Conforme é abordado por Cupertino (2012), o significado de juventude acaba por ser conduzido de acordo com o contexto social, cultural e histórico onde o jovem está inserido, não havendo possibilidades de homogeneizar essa definição.

Na visão de Cupertino (2012) no que toca as relações intergeracionais observa-se que, principalmente no contexto da sociedade ocidental, ocorreu uma verdadeira segmentação de grupos etários, fator esse que muito vem contribuindo para conflitos entre jovens e pessoas mais velhas na sociedade. De maneira que, formas de preconceito acabam sendo manifestas, e, separações no modo de pensar desses dois grupos terminam em ser sentidas até mesmo no processo de transmissão de conhecimentos e de práticas sociais que podem reafirmar a cultura, a história e a memória social quilombola.

É possível entender por meio de Cupertino (2012), que a juventude quilombola constitui-se como parte da identidade quilombola, que pode em muito contribuir para o resguardo dos valores culturais das localidades rurais onde estão inseridos os sujeitos dos quilombos, sendo preciso que haja a quebra dos paradigmas que separam os jovens dos sujeitos mais velhos dessas comunidades.

A partir de Rosa (2013) é possível entender que ser um jovem está relacionado com estar na faixa etária na qual se encaixa a juventude, o que

corresponde a idade dos 12 a 24 anos, sendo que os adolescentes menores de 18 anos podem ser contabilizados neste processo.

Contanto, ser um jovem kalunga está relacionado a pertencer a esta faixa etária e ao mesmo tempo fazer parte do quilombo intitulado kalunga onde este vive. Na pesquisa realizada por Rosa (2013), observa-se que a juventude kalunga tem forte relação com as rezas praticadas na comunidade kalunga, apesar da participação desses diminuir gradualmente no contexto social onde as práticas das orações são efetuadas.

Como é possível identificar a religiosidade tradicional das rezas é percebida pelos jovens como uma forma de se aproximar do Santo e de Deus, entendendo que é através da crença que curas sobre os problemas físicos e emocionais vêm na vida dos sujeitos que exercem esta fé.

Em Rosa (2013) observa-se que essa visão não é geral por parte de toda a juventude kalunga, havendo alguns que desprezam e não conseguem analisar o quanto essas expressões culturais são importantes para a tradição e a preservação da memória, a cultura e a história local.

Consegue-se perceber que os jovens Kalunga segundo apontam os próprios jovens pesquisados que, estão sendo influenciados por uma série de novos costumes da vida urbana, de maneira que a busca por flexibilidade e conforto fazem com que a tecnologia e as facilidades promovidas pelo desenvolvimento infraestrutural na comunidade kalunga tem possibilitado ainda mais o acesso às novidades da cidade, de maneira que estes estão dando preferência ao que é mais cômodo a ter que dedicarem-se ou acreditarem nas rezas como seus ascendentes faziam.

O afastamento dos jovens da religiosidade tradicional tem sido algo perceptível no atual contexto de mundo da comunidade kalunga, de maneira que, torna-se fundamental o reconhecimento por parte da escola da efetuação de trabalhos ou de movimentos sociais que ajudem a dialogar esta temática na escola.

1.6 ASPECTOS DA MEMÓRIA SOCIAL DA JUVENTUDE QUILOMBOLA

O estudo realizado por Valentim, Trindade e Menandro (2010) salienta sobre a necessidade de se conhecer a memória social e as suas transformações no

contexto do espaço e do tempo. Entre os objetivos dessas autoras, está o de identificar as memórias sociais de juventude quilombola no norte do Espírito Santo.

Conforme as autoras, para fazer a verificação em relação à diferença no modo de pensar da juventude no contexto social, foi realizado um estudo com 11 pessoas quilombolas do norte do Espírito Santo, sendo que se percebeu formas distintas de analisar a cultura entre as gerações que comportou pessoas mais velhas e a geração que comportou pessoas mais jovens.

Segundo Valentim, Trindade e Menandro (2010, p.1), *tendo limitado os participantes à faixa dos que possuem de 40 a 60 anos, pode-se perceber, através de suas narrativas, um hiato na relação com as gerações mais novas que não havia sido experimentado com relação aos seus ascendentes.*

Conforme apontam essas autoras a partir do estudo realizado nesta região de quilombo, entre os fatores que contribuíram para o distanciamento dessas gerações estão: as estruturas arcaicas de construção territorial e temporal do espaço local habitado pela comunidade, e, além disso, as alterações ambientais que provocaram a extinção das cadeias de transmissão de conhecimentos orais fizeram com que um verdadeiro hiato fosse constituído no cenário das representações sociais da memória entre as gerações quilombolas.

A partir dessas autoras é possível analisar que, situações referentes as próprias transformações do espaço e do tempo podem ajudar a diminuir os vínculos da transmissão de saberes entre uma geração mais antiga e uma geração mais nova, fazendo-se preciso a intervenção em busca de recuperar muitas ligações perdidas em face das alterações contextuais onde os quilombolas estão inseridos.

1.7 ASPECTOS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

O tema das transformações a serem efetuadas na escola rural a fim de que a educação do campo ganhe nela a oportunidade de desenvolver práticas mais dinâmicas e fortalecedoras das políticas de valorização do camponês é de extenso debate em autores como Molina (2010) nas reflexões sobre as questões da escola do campo, em Caldart et al (2012) no dicionário do campo e em Brandão (2014) na presença pedagógica observada na Escola João Sem Terra, no nordeste brasileiro. As ideias desses autores e de outros serão pontos utilizadas para a discussão da temática apresentada neste estudo.

Segundo Caldart (2012) a educação do campo termina por marcar uma conquista oriunda dos movimentos sociais dos trabalhadores do campo em busca de um ensino que pudesse atender aos objetivos de reafirmação camponesa, garantindo as possibilidades de desenvolvimento de uma educação de qualidade e inclusiva nesse contexto social.

Objetivo e sujeitos a remetem às questões do trabalho, da cultura, do conhecimento e das lutas sociais dos camponeses e ao embate (de classe) entre projetos de campo e entre lógicas de agricultura que têm implicações no projeto de país e de sociedade e nas concepções de política pública, de educação e de formação humana (CALDART, 2012, p.259).

A educação do campo vem para tratar de questões antes incabíveis no ensino rural, pois como aborda Pereira (2012) os saberes e dilemas camponeses eram desprezados dentro do processo de ensino, de maneira que dava-se preferência ao que marcava os conhecimentos da civilização urbana, ao passo que a visão de que o campo mantinha uma realidade arcaica era predominante no modo capitalista de enxergar a realidade rural.

O protagonismo dos movimentos sociais camponeses no batismo originário da Educação do Campo nos ajuda a puxar o fio de alguns nexos estruturantes desta “experiência”, e, portanto, nos ajuda na compreensão do que essencialmente ela é e na “consciência de mudança” que assinala e projeta para além dela mesma (CALDART, 2012, p.259).

Dessa forma, a educação do campo é protagonizada pelos movimentos sociais dos camponeses, de maneira que aquilo visado por estes terminou por fortalecer aspectos que estão muito além de uma experiência apenas, mas que ajudou a construir vários aspectos da vida social dos cidadãos que estão no seio do rural.

Conforme Ribeiro (2012), a educação rural foi um nome adotado para designar o ensino que tinha como foco a escolarização da população rural, nesse sentido, o ensino nesta concepção não tinha nada a ver com o que o camponês realizava em seu trabalho e cotidiano, ou ainda, nada havia de próximo entre essa educação com o relacionamento deste com a terra e cultivo do solo.

Nos países latino-americanos, a educação rural voltada para o desenvolvimento econômico esteve, em determinado período histórico (que se iniciou nos anos 1930, se intensificou nos anos 1950-1960, e se estendeu até os anos 1970), associada à Reforma Agrária. Para o modo de produção capitalista vigente nestes países, a existência do latifúndio nem estimulava a penetração do capital no campo, sob forma de investimentos em maquinarias e uso de tecnologias de produção, nem contribuía para a

proletarização dos camponeses (RIBEIRO, 2012, p.297)

O Brasil não esteve fora deste processo em relação à educação rural exposta por Ribeiro (2012), dessa forma, podemos identificar que, os camponeses dentro deste contexto histórico do desenvolvimento da educação foram colocados numa situação de insegurança, visto que não se sabia ao certo o que aconteceria a esta classe na sociedade capitalista. De acordo com Molina:

No campo, a educação rural sempre teve por retaguarda ideológica uma visão elitista fundamentada numa realidade oligárquica e latifundiarista que, além das carências e das limitações de recursos e de infraestrutura, atua no sentido de negar o próprio campo. A escola rural, dessa maneira, acaba sendo um grande estímulo à migração e ao abandono do campo, bem como à destruição dos modos de vida das populações tradicionais e dos saberes por elas produzidos. Esses aspectos fazem parte de um processo mais amplo de “modernização do campo”, marcadamente assentado na expropriação e na proletarização dos trabalhadores rurais. (MOLINA, 2010, p.50)

O que Molina (2010) nos apresenta, ajuda na visão de que a educação rural definitivamente não se reporta a melhoria de vida do sujeito do campo, mas pode mesmo é contribuir para que este seja cada vez mais excluído na sociedade onde vive.

No Brasil, porém, a educação rural, como mostra Silvana Gritti (2003), permanece relacionada a uma concepção preconceituosa a respeito do camponês, porque não considera os saberes decorrentes do trabalho dos agricultores (RIBEIRO, 2012, p.298). Portanto, isso que Ribeiro (2012) aborda corresponde ao que Molina (2010) critica em relação ao contexto e as bases históricas que fazem parte da prática da escola rural, sendo que nesta o camponês é praticamente esquecido e renunciado na esfera educacional e pedagógica.

O MST inicia um movimento no interior dos acampamentos e dos assentamentos conquistados, por uma educação em novas bases. No conjunto de suas reivindicações por terra, produção, comercialização, agrega o direito à educação básica, que depois se estende à educação profissional e universitária, para o conjunto da população “sem-terra”. Exercita as primeiras experimentações de uma Educação do Campo que reúne componentes políticos, trazendo a relação direta entre educação e direito, entre educação e cidadania, entre educação e modos de vida e cultura, entre educação e trabalho (MOLINA, 2010, p.45).

Molina (2010) realiza uma explanação dos acontecimentos iniciais da prática da educação dentro dos projetos dos movimentos sociais do MST, destacando que

não somente a educação fazia parte das buscas sociais, como também as reivindicações de que esta viesse a ser promovida dentro de novas bases que correspondessem às perspectivas dos povos do campo.

Conforme Molina é necessária à diferenciação entre a terminologia da educação rural e da educação do campo, sendo preciso compreender que o primeiro termo está basicamente restrito a atender a ideologia da classe dominante, que está diretamente relacionada com a exclusão do camponês dos processos sociais, o que por muito tempo foi defendido no capitalismo e combatido pelos movimentos sociais. Doutra sorte, a educação do campo corresponde a um fenômeno que veio para contradizer a exclusão do camponês, veio para incluí-lo e para reafirmar a sua importância no mundo da educação, e ainda, no mundo globalizado.

A força da Educação do Campo está nos Movimentos Sociais e no povo. As políticas Públicas sozinhas não garantem a continuidade e a institucionalidade da Educação do Campo. Diante disso, pensar o método e a metodologia é estratégia fundante para garantir a formação dos povos do campo e sua emancipação. A metodologia da Pedagogia da Alternância tem sido definida como aquela que melhor reúne as possibilidades de construção de uma educação participativa, que forma para a autonomia e a liberdade. O conteúdo também é estratégico para aliar-se a essa libertação cidadã. Nesse sentido, deve trazer para o debate as dimensões das relações pessoais, das relações de gênero, da cultura, da etnia, da raça, da geração. A necessidade de resgate cultural, tomando cuidado com sua significação, deve mobilizar-se para novos pensamentos e práticas sociais que incorporem os princípios da agroecologia, do consumo responsável, da política como direito de todos e para uma grande transformação social pela emancipação do ser humano. (MOLINA, 2010, p.46)

Molina (2010) faz uma reflexão bastante ampla e sólida em relação à necessidade de se repensar a questão do método de ensinar dentro do projeto de educação do campo, de maneira a destacar que o conteúdo é estratégico no processo de valorização do camponês, de sua cultura, de sua história, e de seus saberes.

A escola João Sem Terra tem estimulado o protagonismo e a participação de toda a comunidade escolar nos diferentes espaços de decisões coletivas da instituição: na sala de aula (coletivo de séries), nos setores nos quais se organizam a escola e na assembléia geral da comunidade escolar (BRANDÃO, 2014, p.40).

Conforme salienta Brandão (2014) a escola João Sem Terra tem sido um local onde a educação do campo tem conquistado um espaço representativo na vida escolar do grupo do MST que reside do Estado do Ceará. De maneira que, a prática pedagógica disseminada em seu contexto repercute na percepção de como a

educação do campo pode abranger as escolas rurais que ainda adotam as metodologias da educação rural e elitista.

Encontramos nas práticas pedagógicas desenvolvidas na Escola João Sem Terra vários elementos que integram as dimensões de transformações que devem ser buscadas nas escolas rurais, para que se tornem escolas do campo:

- Vinculação concreta com as lutas pela Reforma Agrária;
- Transformação do modelo agrícola hegemônico e transformação da sociedade;
- -mudanças no modo de produção e socialização do conhecimento, tendo como base o trabalho socialmente útil como princípio educativo e a inserção da realidade como matéria-prima da lógica da organização curricular, com a valorização e a incorporação dos saberes dos sujeitos camponeses;
- Promoção de práticas interdisciplinares que objetivam superar a fragmentação do conhecimento, estimulando os educandos a desenvolverem uma visão da totalidade dos processos sociais;
- Mudanças nas relações sociais dentro da escola, com relevantes estímulos à auto-organização dos estudantes;
- Existência de várias instâncias de gestão coletiva;
- Estímulo e promoção do trabalho coletivo dos educadores;
- Presença constante da comunidade e dos movimentos sociais nas ações de planejamento, execução e avaliação dos processos pedagógicos desenvolvidos pela escola (BRANDÃO, 2014, p.41)

Brandão (2014) ao exemplificar o caso da Escola João Sem Terra permite-nos verificar muitas possibilidades de transformação para as escolas da zona rural que participamos, como por exemplo, a Escola Municipal Joselina Francisco Maia, localizada na Comunidade Kalunga Engenho II, em Cavalcante-GO.

Nessa instituição escolar (Engenho II) o que se identifica é a predominância da educação rural em detrimento da educação do campo, pois os conhecimentos e culturas inerentes aos povos tradicionais que ali vivem não são colocados na prática pedagógica, e dessa maneira, a escolarização tem chegado às crianças e jovens do local, mas não tem sido um fenômeno capaz de sustentar a cultura dos mesmos, mas de incentivá-los a até mesmo abandonar suas raízes e costumes.

Ao Movimento de Educação do Campo cabe agir em rede. Criar relações com o INCRA e o MDA para fortalecer suas ações voltadas à Educação do Campo. Criar interfaces com os programas de assistência técnica e de extensão rural, para ampliar o debate sobre o profissional de que o campo necessita. Construir rizomas com as Escolas Família Agrícola, com as Casas Familiares Rurais existentes no País (MOLINA, 2010, p.46).

Molina (2010) segue propondo maneiras de se fortalecer o movimento da educação do campo para que esta venha perpassar as barreiras existentes na valorização do sujeito do campo e na prática pedagógica que intensifique a

consideração dos seus interesses dentro do sistema de ensino para as comunidades rurais.

Por fim, a escola rural necessita reforçar em seu contexto o próprio camponês e os seus anseios tornando-se um espaço de conquistas e buscas pela melhoria da vida dos povos rurais, somente assim esta conseguirá tornar-se um lugar de educação do campo. De forma que dentro desta perspectiva os saberes das rezadeiras sejam considerados neste novo cenário de ensino.

CAPÍTULO II - DESCRIÇÃO DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa, de natureza qualitativa, foi realizada na comunidade Kalunga Engenho II e tem como sujeitos de pesquisa, jovens e rezadeiras do local.

Entende-se que pesquisa qualitativa direciona-se a um processo de análise de dados que esteja dentro do próprio contexto (NEVES, 1996).

Os métodos qualitativos trazem como condição do trabalho de pesquisa uma mistura de procedimentos de cunho racional e intuitivo capazes de contribuir para a melhor compreensão dos fenômenos. Pode-se distinguir o enfoque qualitativo do quantitativo, mas não será correto afirmar que guardam relação de oposição (POPE; MAYS, 1995, p.42).

Para realização da pesquisa foram utilizadas as seguintes estratégias de coleta de dados: observação participante e entrevistas semi-estruturadas.

A observação participante é uma técnica muito utilizada em pesquisas de abordagem qualitativa e consiste na inserção do pesquisador no interior do grupo observado, tornando-se parte dele, interagindo por longos períodos com os sujeitos, buscando partilhar o seu cotidiano para sentir o que significa estar naquela situação. Na observação participante, tem-se a oportunidade de unir sujeito e objeto ao seu contexto (VALLADARES, 2007).

Já a entrevista semi-estruturada está focada em um assunto sobre o qual se elabora um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas (MANZINI, 2014).

Foram entrevistados 04 jovens da comunidade Kalunga Engenho II, com idades entre 18 e 24 anos, praticantes das rezas e benzimentos, tendo o propósito de averiguar suas percepções em relação a estas práticas sociais no local. E também para complementar ainda mais esta pesquisa, foram entrevistadas 03 rezadeiras do local.

CAPÍTULO III - PERCEPÇÕES DA COMUNIDADE SOBRE REZAS E BENZIMENTOS

3.1 REZAS E BENZIMENTOS NA COMUNIDADE KALUNGA DO ENGENHO II: O QUE DIZEM OS JOVENS?

3.1.1 O Significado das rezas e benzimentos para os jovens

Observou-se que, os jovens demonstraram nas entrevistas realizadas representativo interesse por rezas e benzimentos, de forma que estes enfatizaram que ambas as manifestações culturais possuem um determinado significado para os mesmos.

Na entrevista realizada com o Jovem A, que tem 23 anos de idade, nasceu na comunidade Engenho II, e é praticante das rezas, verificou-se a seguinte afirmação:

A reza significa estar sempre ligado com Deus, porque a reza é uma coisa ligada com ele, para que não podemos esquecer dele. E se torna também uma tradição por que não é em todo lugar que tem, significa também fazer ou cumprir promessa para alguém que tem doença (Jovem A, comunidade Engenho II).

Para o Jovem B, que tem 24 anos de idade o significado das rezas e benzimentos é apontado desta forma:

A reza significa que é a questão da fé que o povo acredita muito no santo, tem rezas em louvores aos santos para pedir chuva, fartura nas roças. O benzimento o povo usa quando está com quebrante, se tiver com corte e estiver sangrando muito benze para estancar o sangue, dor de dente, dor de cabeça disse que é dor de cabeça do solo, de sereno. Picada de cobra benze para tirar o veneno (Jovem B, comunidade Engenho II).

A percepção quanto às rezas e benzimentos por parte do jovem C, que tem 21 anos de idade é a de que:

A reza significa um ato de fé, momento de falar com Deus, de pedir bênçãos que ele já fez. Os benzimentos é para fechar o corpo de coisas ruins, de algo feito para você que é ruim, aí a pessoa benze para proteger. E também para curar as doenças das pessoas (Jovem C, comunidade Engenho II).

O Jovem D, que tem 21 anos de idade, e também participa das rezas na localidade, afirmou que para ele as rezas e os benzimentos “significam ter uma boa aproximação com Deus”.

Todos os jovens pesquisados consideraram que as rezas e os benzimentos são importantes elementos culturais para a comunidade, como é possível identificar nas transcrições a seguir, que acabam por fortalecer o que Cupertino (2012) aborda sobre a importância que há de que o jovem conheça a cultura do contexto social onde ele se encontra inserido, a fim de que o mesmo contribua para a continuidade dos saberes culturais:

É através da reza que a gente vê se Deus ajuda a encontrar a cura. Os benzimentos pra mim significa tirar algo ruim de uma pessoa ou benzer a água para que possa receber uma cura (Jovem A, comunidade Engenho II).

Rezas e benzimentos são importantes, porque é uma tradição e tem que manter viva, vem desde os antepassados e vai indo até que hoje já esta muito pouca, mas tem alguns que sabe (Jovem B, comunidade Engenho II).

São importantes porque quando as pessoas estão reunidas para rezar, Deus esta ali presente para abençoar a comunidade e todo o pessoal que esta na igreja que mora na comunidade (Jovem C, comunidade Engenho II).

Verificou-se que conforme o Jovem D os benzimentos são importantes para a comunidade porque estes servem para fechar o corpo para aqueles que acreditam nessa visão.

Cada um dos jovens Kalunga acabou por demonstrar que possui relação com os saberes culturais representados nas práticas sociais estudadas no Engenho II, isso em muito fortalece a análise de Cupertino (2012) em relação ao fato de que o jovem não é um sujeito excluído ou que deva ser ignorado da construção da identidade quilombola, pois assim como a cultura pode ser evidenciada pelos adultos, o indivíduo no período da juventude também constrói suas percepções e significados em torno das manifestações praticadas no espaço onde convive.

É importante entender que esses jovens já são praticantes de rezas e benzimentos, daí um dos motivos que fortalece a demonstração de reverência por estas tradições, o que não pode ser generalizado, visto que, segundo dados desta pesquisa e informações contidas em Rosa (2013), é possível verificar que a maioria dos jovens encontra-se desmotivada em participar desta manifestação cultural.

A entrevista com jovens praticantes de rezas ajuda a levantar posicionamentos e compreensões que estes tem sobre a cultura local, destacando o que esta representa para si mesmos e também fazem suas conclusões em relação ao comportamento de outros jovens na mesma faixa etária com os quais convivem na esfera da comunidade Kalunga do Engenho II, o que será dialogado no tópico a seguir.

A partir de Cupertino (2012), Rosa (2013), Valentim, Trindade e Menandro (2010) é perceptível que vários têm sido os fatores que refletiram no distanciamento dos jovens dos conhecimentos ou saberes oriundos de seus antepassados. Para a análise deste aspecto, foram transcritas as falas dos quatro jovens entrevistados sobre o tópico: Na sua opinião, essas tradições estão mudando? Por quê?

Primeiro de tudo é uma tradição que vem de muitos e muitos anos atrás, e que os mais velhos vão sempre passando para os jovens e são muito pouco que estão mantendo as tradições, nem todos tem essa valorização. Sim estão mudando, porque nem todos querem mais saber dessas tradições (Jovem A, comunidade Engenho II).

Estão mudando porque os jovens não têm muito interesse nisso, e ai não aprende, os velhos que sabem vão morrendo os jovens não se preocupam em aprender e isso vai acabando (Jovem B, comunidade Engenho II).

Sim, porque as pessoas de hoje só pensa em dinheiro, deixa de rezar para jogar bola, deixa de girar folia para ir trabalhar (Jovem C, comunidade Engenho II).

As tradições locais estão mudando, porque os mais velhos tentam ensinar os jovens, mas estes apresentam não aceitarem ensinamentos e fazem pouco caso dos idosos (Jovem D, comunidade Engenho II).

As considerações desses jovens em relação às mudanças sofridas nas tradições locais estabelecem uma proximidade com o que tratam Valentim, Trindade e Menandro (2010) no que tange a ruptura do repasse de saberes de uma geração mais antiga para uma geração mais nova. Esses jovens entrevistados que representam uma minoria que participa das práticas de rezas e benzimentos na comunidade Engenho II, demonstram compreender que, um verdadeiro desdém ocorre por parte de muitos outros jovens que não participam ou desconhecem o valor tradicional e identitário presentes nessas formas de manifestação cultural.

Em relação às rezas e aos benzimentos de antes e como estas práticas são manifestas no hoje, os quatro jovens apresentaram as seguintes análises em torno da realidade do Engenho II:

Também o povo antes tinha muita fé e hoje cada vez mais não estão tendo fé, então cada vez mais estão mudando. É questão de sair de comunidade ficar um tempo fora e quando volta já não quer nem saber, isso acontece muito. Pelo que ouve falar eles rezavam mais com fé e acreditavam mais no que estavam fazendo (Jovem A, comunidade Engenho II).

Era quase igual que nem hoje, só mudou pouca coisa que tem muitos hoje que não sabe, antigamente quase todo mundo sabia um benzimento e hoje não sabe (Jovem B, comunidade Engenho II).

Antes era as rezas era porque a gente via toda família reunida e hoje já está tudo mudado (Jovem C, comunidade Engenho II).

As rezas e benzimentos antes eram palcos que chamavam a atenção de muitas pessoas, porém atualmente poucos moradores da comunidade se mostram interessados em dar continuidade a essas tradições (Jovem D, comunidade Engenho II).

As proposições dos jovens interagem com o estudo de Valentim, Trindade e Menandro (2010), especialmente no que diz respeito à interferência das transformações espaciais e ambientais na cadeia de transmissão oral, de modo que, a geração mais nova passou a valorizar mais a outras formas de saberes trazidos pela contato com fontes distintas de conhecimentos no mundo globalizado.

A questão da influência da globalização foi intensificada na percepção dos entrevistados em relação ao desinteresse dos jovens da comunidade por rezas e benzimentos.

O Jovem A reforçou que o contato com a cidade e com a tecnologia, e com benefícios tais como aparelho celular e a internet fizeram com que os jovens se importassem cada vez menos pela cultura local.

Já o Jovem B considerou em suas palavras que os jovens do Engenho II de hoje estão mais interessados em verem televisão, ou aproveitarem a tecnologia da informação que permite distração e interação com novidades, ao passo que a cultura e história local são cada vez mais esquecidas.

Observou-se que o Jovem C, assim como alguns dos demais jovens participantes de rezas entrevistados, analisou que é notável o desinteresse dos jovens atuais na comunidade pelos resquícios do passado e pela religiosidade e tradição presentes nessas práticas, especialmente pela aproximação que estes passaram a ter com os recursos tecnológicos.

O Jovem D salientou que de fato existe desinteresse por parte dos jovens locais, e isso começou desde grandes mudanças ocorridas na estrutura da

comunidade Engenho II, como a rede de energia elétrica que trouxe a televisão e o celular.

Os jovens que foram entrevistados expressaram a relevância das rezas e dos benzimentos para os mesmos na comunidade do Engenho II, o que fortalece o que Rosa (2013) afirma sobre o fato de que jovens participantes das rezas no meio quilombola acabam por serem exceções num universo maior de sujeitos que não dão tanto apreço a essa cultura no local.

Na observação desses jovens é possível entender que as mudanças ocorridas na infraestrutura do Engenho II fez com que muitas pessoas na comunidade passassem a desprezar essa expressão de letramento e consequentemente estas acabaram por deixar com que a tecnologia, a internet, celular e televisão ocupassem maior espaço em suas práticas sociais diárias (ROSA, 2013).

3.2 REZAS E BENZIMENTOS NA COMUNIDADE KALUNGA ENGENHO II: O QUE DIZEM AS REZADEIRAS?

3.2.1 Significado de rezas e benzimentos para as rezadeiras do Engenho II

Observou-se que, as rezas e benzimentos possuem um vasto significado para as rezadeiras do Engenho II que foram pesquisadas neste estudo, o que termina por interagir com Rosa (2013), Soares (2004) e Mortatti (2004) que enfatizam sobre a relevância destes letramentos para o povo quilombola, principalmente para os sujeitos que estão inseridos neste contexto e participam da manifestação cultural. Isso foi percebido através do posicionamento de cada rezadeira em análise.

A Rezadeira A, que tem 45 anos, exerce a função de ajudante de rezadeira na localidade. Para esta, as rezas e benzimentos são vistos da seguinte forma:

Pra mim se a gente pegar com aquela devoção com o santo do dia, qualquer santo que a pessoa tem fé, aí é bom porque a gente pede. Eu mesma já pedi esses devotos para o meu filho Rafael, ele ficou bem, acho que é a esperança e a fé, a reza é boa, os benzimentos serve para tirar mal olhado. E também é saúde desde que tem a fé, que faz a oração, isso é bom eu tenho fé e acredito (Rezadeira A, comunidade Engenho II).

Para a Rezadeira B, que tem 46 anos de idade, e reside no Engenho II, as rezas e os benzimentos significam:

Que a gente tem fé pegando com o santo, orando para o santo e Deus está presente. É que a reza sem fé não vale nada. E o benzimento é a fé que a gente tem na mente que benzendo melhora a dor, se estiver doendo, mau olhado, o que vale é a fé (Rezadeira B, comunidade Engenho II).

A Rezadeira C, é uma jovem de 23 anos de idade, residente na comunidade Engenho II, onde pratica as rezas. Em sua concepção as rezas e os benzimentos têm uma importante representatividade na representação de fé que executa:

Pra mim a reza é importante porque é um ato de fé, um ato de redimir os pecados e ter esperança e que nus trais felicidade e alegria. Benzimento pra mim é como se fosse uma cura e como se fosse remédio (Rezadeira C, comunidade Engenho II).

Como se observa através dos trechos acima, a reza e o benzimento ocupam uma função de relevância para as rezadeiras do Engenho II, de maneira que, é perceptível que estas encontram fé, felicidade e cura através de suas crenças nestes atos, que acabam por simbolizar a harmonia de saberes para as práticas na vida social (ROSA, 2013).

Para as rezadeiras entrevistadas, assim como foi evidenciado anteriormente pelos os jovens praticantes das manifestações culturais em estudo, as rezas e os benzimentos são importantes para a comunidade, especialmente pela singularidade que esses costumes têm para a vida física, espiritual, cultural e histórica local, o que dialoga com Cupertino (2012) e Rosa (2013), no que se reporta à aplicação da cultura à prática social dos sujeitos. Esses posicionamentos são evidenciados a seguir:

Eu acho que sim, são importantes porque se não fosse bom às pessoas não andava procurando, porque geralmente as pessoas sempre procuram pessoas da comunidade. Desde que se a comunidade acredita, porque não é todos que crê, mas é importante para ser livre das perseguições (Rezadeira A, comunidade Engenho II).

A importância das rezas e benzimentos estão no fato de que ambos representam a tradição local e ajuda a valorizar os saberes oriundos dos antepassados (Rezadeira B, comunidade Engenho II).

A nossa comunidade em maioria sempre viu essas tradições como importantes para o resguardo da cultura e da história (Rezadeira C, comunidade Engenho II).

De certa maneira, essas rezadeiras demonstraram entender um pouco sobre como as rezas e benzimentos podem contribuir para o fortalecimento da identidade quilombola, que corresponde ao que Furtado, Pedroza e Alves (2014) evidenciam em relação ao fato de que as manifestações culturais possuem forte impacto na valorização da história e memória quilombola.

A partir das descrições a seguir podemos evidenciar que na opinião das rezadeiras do Engenho II, as tradições das rezas e benzimentos estão mudando, de forma que, o antes e o agora da comunidade ajudam a identificar as transformações no modo de vida e de manifestação dessas formas de letramento. Sendo esses fatores explicitados nos pontos seguintes:

Tá mudando porque antigamente se percebe pelas folias de Santos Reis, as pessoas quando ia girar a folia eram uma multidão de pessoas da comunidade. Antigamente tinha os altares é igual hoje mesmo chega na casa das pessoas fazem o altar tem os santos e as pessoas joelhavam na frente do altar para rezar, benzimento é porque as vezes que tinha alguém para benzer eles iam e benziavam (Rezadeira A, comunidade Engenho II).

Uma parte tá por um lado, tá? Porque os antepassado que passou para nós era bom muita fé e hoje eles não quer ter fé. As rezas de antigamente os povos reuniam para fazer altar e fazia as reza com muita gente que às vezes fazia bolo quando às vezes terminava as rezas no final faziam as festas para as pessoas, chegava ao ponto de dançar até o dia amanhecer (Rezadeira B, comunidade Engenho II).

Tá mudando, tem pouca rezadeira que ensina as pessoas e tem que ter mais rezadeiras. Antigamente todo mundo era contrito na hora da reza, todos rezava com fé e hoje poucas pessoas vai às rezas. E na hora da reza muitos tão ouvindo música (Rezadeira C, comunidade Engenho II).

As rezadeiras evidenciaram que os jovens da comunidade apresentam desinteresse pelas rezas e benzimentos na localidade. As suas considerações acabaram por interagir com as percepções de Valentim, Trindade e Menandro (2010), que salientam sobre como as alterações no espaço e na estrutura social da localidade exercem controle sobre a vida do jovem, de maneira que, este pode até mesmo se afastar dos costumes seguidos pelo seu grupo de origem. Tais aspectos podem ser identificados ao longo das falas das entrevistadas:

Os jovens da comunidade tão desmotivados quanto a essa tradição, isso começou depois do Engenho II ter sido abastecido com energia elétrica e os benefícios que esta trouxe, por exemplo, televisão, celular, etc. (Rezadeira A, comunidade Engenho II).

Há muito desinteresse dos jovens por reza e benzimento. Eles tão querendo regalia do celular, da televisão, eles não participam como antes. As reza que são rezadas na comunidade kalunga Engenho II acontecem durante o dia e às vezes à noite, e todas essas rezas são louvores aos santos da igreja católica. Louvamos: Santo Antônio, São Sebastião, Nossa Senhora das Candeias, Nossa Senhora das Neves, Nossa Senhora Aparecida, Todos os Santos, Santos Reis, Nossa Senhora da Conceição, Santa Luzia, São Bom Jesus, Divino Espírito Santo, e Nossa Senhora do Livramento (Rezadeira B, comunidade Engenho II).

O desinteresse pelas rezas e benzimentos na comunidade kalunga Engenho II é algo evidente, sendo que isso passou a fazer parte das atitudes locais a partir do acesso dos jovens às tecnologias, como celular e internet (Rezadeira C, comunidade Engenho II).

Através do que diz a Rezadeira A, é possível estabelecer um diálogo com Rosa (2013), quando esta autora aponta que o povo kalunga costuma seguir em suas rezas os mesmos santos cultuados no catolicismo, isso pode ser consequência do processo de aculturação local, o que envolve a imposição cultural portuguesa e subserviência negra na localidade.

As benzedeadas, entre elas uma jovem da comunidade expressaram de forma geral que a cultura local tem sido influenciada por outras formas culturais, e outros tipos de letramentos (SOARES, 2004). Dessa maneira, na percepção dessas mulheres os jovens do Engenho II no atual contexto não possuem o mesmo respeito ou reverência como tinham os jovens que viviam tempos atrás.

De certa maneira a cultura quilombola que é expressa de forma bastante subjetiva, representa nas rezas e benzimentos tradições e encontros de culturas que superam o tempo (FURTADO; PEDROZA; ALVES, 2014).

3.3 A ESCOLA E A VALORIZAÇÃO DA CULTURA LOCAL

Seguindo-se os ideais propostos pela Educação do Campo, pode-se analisar que, a valorização cultural do Engenho II deve partir do contexto escolar local, visto que, conforme aborda Brandão (2014), é preciso o estabelecimento de um método educativo que prime pela realidade do campo.

As rezas e os benzimentos podem ser considerados dentro deste núcleo de valorização, pois, são manifestações que compreendem o cotidiano e as vivências locais, que podem ser inseridos no espaço formativo da escola do campo.

A Escola Joselina Francisco Maia e Extensão Kalunga que atendem de forma seriada os alunos que se encontram inseridos no ensino fundamental (1ª e 2ª fase) e 1º ano do ensino médio, poderá contribuir para a afirmação da cultura kalunga pela promoção de uma metodologia de aula que possa trazer os saberes das rezadeiras para o contexto das aulas, isso por meio da prática da interdisciplinaridade e transdisciplinaridade (SOARES, 2004).

O espaço das unidades educativas do Engenho II deve ser aberta para a nova perspectiva do ensino ministrado no campo, como considera Molina (2012) e Molina (2010) no que tange a questão de que os povos rurais devem continuar a lutar por uma educação que prioriza a inclusão das práticas culturais do sujeito do campo no mundo escolar.

A introdução dos conhecimentos sobre rezas e benzimentos na escola local pode acontecer no decorrer das aulas de história e cultura, ensino religioso, sociologia, filosofia, artes, e entre outros. O aprimoramento desse ensino terminará por ser uma forma de valorizar a luta camponesa pelo respeito a suas tradições, e ainda, essa ação muito interage com Caldart (2012), a qual evidencia que, a educação do campo deve marcar a mudança na prática educativa do campo, valorizando-se o camponês, sua cultura e seus saberes.

A continuidade de um ensino baseado na educação rural não pode permanecer no contexto da escola do Engenho II, caso isso ocorra, o cotidiano do camponês será desprezado e de nada valerá as lutas incansáveis oriundas dos movimentos sociais desenvolvidos pelos sujeitos do campo (RIBEIRO, 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo apresentou a pesquisa que tratou sobre rezas e benzimentos na visão de jovens da comunidade kalunga do Engenho II.

Através de autores como Rosa (2013) e Furtado, Pedroza e Alves (2014) conseguimos perceber que as rezas e benzimentos sempre ocuparam lugar de destaque no contexto social quilombola, apesar de que várias mudanças têm contribuído para o distanciamento da juventude das raízes culturais, o que gera determinada preocupação em relação ao futuro destas tradições neste cenário.

Por meio destes ensinamentos foi possível observar a visão dos jovens praticantes de rezas e benzimentos na comunidade kalunga Engenho II em relação ao que essas manifestações representam para eles, e a partir daí pensar sobre possibilidades de fortalecimento desses costumes e tradição nesta localidade, de forma a entender que essas manifestações culturais representam letramentos locais que precisam ser valorizados.

Detectamos que os jovens que já participam das rezas e benzimentos se interessam em muito pela continuidade dessas tradições locais, mas, assim como as rezadeiras, consideram o fato de que a maioria dos jovens da comunidade se afastou no decorrer do tempo dessas práticas. Sendo que, vários fatores têm influenciado a juventude local a deixar ou não dar a devida atenção às rezas e aos benzimentos no Engenho II, entre esses as mudanças no modo de vida dos sujeitos locais, o que terminou por ser possibilitado pela chegada da energia elétrica e pela maior aproximação dos moradores do campo com os moradores da cidade.

A partir de tudo isso, podemos propor que no Engenho II, a escola local que é uma das principais instituições de respaldo social, possa ser utilizada como força influente para o fortalecimento dessa cultura e como fator de motivação e conscientização social da comunidade local, para que essa tradição não se perca com o tempo, isso de maneira a trabalhar especialmente com os jovens, e no atual contexto, conforme afirmaram os entrevistados se mostram como sendo os principais desinteressados neste processo.

REFERÊNCIAS

ALBURQUERQUE, Francisco Edviges (org). A educação escolar Apinaye na perspectiva bilingue e intercultural. Goiania: Ed. da PUC Goiás, 2011, 240 p.

ALMEIDA, Severina Alves de. Etnossociolinguística e letramentos: contribuições para um currículo bilíngue e intercultural indígena Apinajé. Brasília: UnB, 2015, 358 p.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Presença Pedagógica. Diálogo entre a universidade e a educação básica para a formação do professor. V.20, n. 120. Nov/dez, 2014.

BRASIL. **Educação Quilombola**. Secretaria de Educação a Distância, Ministério da Educação. Revista Salto Para o Futuro, Boletim 10, junho de 2007.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. In: CALDART, Roseli Salete [et al]. Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012, 788 p.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2000.

CUPERTINO, Maria Cristina. De quilombolas a remanescente de quilombo: visibilidade e lutas por direitos. In: CUPERTINO, Maria Cristina. **Juventude rural quilombola**: identificação, reconhecimento e políticas públicas. Viçosa/MG: UFV, 2012, p.23-39. Disponível em: <http://acervo.novacartografiasocial.com.br:8088/xmlui/bitstream/handle/738738/1451/Maria%20Cristina%20Cupertino.pdf?sequence=1>. Acesso em: 23 de Nov. 2015.

CUPERTINO, Maria Cristina. Juventude e as relações intergeracionais. In: CUPERTINO, Maria Cristina. **Juventude rural quilombola**: identificação, reconhecimento e políticas públicas. Viçosa/MG: UFV, 2012, p.49-73. Disponível em: <http://acervo.novacartografiasocial.com.br:8088/xmlui/bitstream/handle/738738/1451/Maria%20Cristina%20Cupertino.pdf?sequence=1>. Acesso em: 23 de Nov. 2015.

FURTADO, Marcella Brasil; PEDROZA, Regina Lúcia Sucupira; ALVES, Cândida Beatriz. Cultura, identidade e subjetividade quilombola: uma leitura a partir da psicologia cultural. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 106-115, Apr. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822014000100012&lng=en&nrm=iso.v..Certificação:http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822014000100012. Acesso em 24 de Abril de 2015.

MANZINI, E. J. **Entrevista semi-estruturada análise de objetivos e roteiros**, 2014. Disponível em <http://www.sepq.org.br/IIsipeq/anais/pdf/qt3/04.pdf>. Acesso em: 24 de abr. 2015.

MOLINA, Mônica Castagna. Educação do Campo e Pesquisa II: questões para reflexão organizadora. – Brasília: MDA/MEC, 2010.

MONTEIRO, Edemar Souza. **Construção da identidade no contexto sociocultural dos sujeitos**. Itabaiana: GEPIADDE, Ano 5, Volume 10 | jul-dez de 2011.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Educação e letramento**. São Paulo: UNESP, 2004, 136p.

NEVES, José Luís. **Pesquisa Qualitativa – Características, usos e possibilidades**. Caderno de Pesquisa em Administração, São Paulo, V1, nº 3, 2º Sem. de 1996.

PORTO, Liliana; KAISS, Carolina; COFRE, Ingeborg. **Sobre solo sagrado: identidade quilombola e catolicismo na comunidade de Água Morna (Curiúva, PR). Relig. soc.**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 1, p. 39-70, 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872012000100003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 24 abr. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-85872012000100003>.

RIBEIRO, Marlene. Educação Rural. In: CALDART, Roseli Salette [et al]. Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012, 788 p.

ROSA, Eriene dos Santos [et al]. **Inserção orientada na comunidade kalunga Engenho II**. Brasília: UnB, 2012.

ROSA, Wanderléia Dos Santos. **Rezas, rezadeiras e juventude na comunidade vão de almas, Cavalcante – GO**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade UnB de Planaltina – FUP. Planaltina/DF: UnB, 2013.

SÁ, Laís Mourão; FREITAS, Helena. Licenciatura em Educação do Campo: é possível a formação de um docente específico para as escolas do meio rural? Artigo apresentado no IV Congresso Argentino y Latino americano de Antropologia Rural. Mar Del Planeta, Argentina, março, 2009.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2ª Ed. 8ª Reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2004 – 128p.

VALLADARES, Licia. **Os dez mandamentos da observação participante**. *Rev. bras. Ci. Soc.* [online]. 2007, vol.22, n.63 [cited 2015-04-24], pp. 153-155. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092007000100012&lng=en&nrm=iso>. ISSN. Certificação: 0102-6909. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092007000100012>.

VALENTIM, Renata; TRINDADE, Zeidi Araujo; MENANDRO, Maria Cristina Smith. **Memórias sociais de juventude entre quilombolas do norte do Espírito Santo**. Vitória/ES: UFES, 2010. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822010000200008.
Acesso em: 23 de Nov. 2015.

APÊNDICE

Roteiro de entrevista semi-estruturada

- 1) O que as rezas significam para você? E os benzimentos?
- 2) Você pensa que as rezas e os benzimentos são importantes para a comunidade?
Por quê?
- 3) Na sua opinião, essas tradições estão mudando? Por quê?
- 4) Como eram as rezas e os benzimentos antes? E como são hoje?